

PEDAGOGOS EM ESPAÇOS NÃO ESCOLARES: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA PRÁTICA SOCIOEDUCATIVA EM UMA COMUNIDADE EM SITUAÇÃO DE POBREZA

Francisco Gabriel Silveira Ferreira¹

Pedro Bruno de Lima Pereira²

Evaldo Ribeiro Oliveira³

RESUMO

Este escrito faz parte do relatório final da disciplina “Pesquisa e prática da atuação do pedagogo em espaços não escolares” vinculada ao Instituto de Humanidades, curso de Pedagogia da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (Unilab), que tem o objetivo de investigar como se dá o trabalho do profissional da educação em ambientes para além da escola. A investigação se deu em uma comunidade em situação de pobreza do município de Acarape – CE, cidade onde um campus da Universidade encontra-se situado, por dois alunos da componente antes citada. O passo a passo da pesquisa foi a parceria com a Rede de Estudos e Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistência (reaPODERE) que é um grupo de pesquisa e extensão da nossa universidade, ida até a comunidade visando o contexto social, econômico e cultural do nosso público, a acolhida de cerca de 10 crianças para participar de diversas atividades socioeducativas com o intuito de investigar como aquelas crianças enxergam o espaço que estão situadas e como elas podem ressignificar o lugar que elas vivem e a utilização de materiais pedagógicos para as oficinas que nos propusemos a fazer. Concluímos a atividade percebendo que a reaPODERE anda impactando a vida dessas crianças, que elas conseguem se ver dentro da comunidade, que possuem um afeto pelo o lugar onde moram e desejo de transformarem suas realidades.

PALAVRAS – CHAVE: Pedagogia. Pobreza. Prática Socioeducativa. reaPODERE.

INTRODUÇÃO

Esse escrito faz parte do relatório da disciplina “pesquisa e prática da atuação do pedagogo em espaços não escolares” que tem o intuito de investigar como é o trabalho do

¹ Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia AfroBrasileira. Licenciando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Bolsista de Iniciação a Docência pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. Bolsista pela Secretária de Educação Municipal de Redenção - CE. (gabrielsilveira.unilab@gmail.com)

² Bacharel em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afrobrasileira. Licenciando em Pedagogia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira. Pós-graduando em Docência no Ensino Superior e Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Literaturas pela Centro Universitário Leonardo da Vinci. Professor da rede pública municipal de Aracoiaba - CE. (pedro.bruno@outlook.com)

³ Professor orientador. Docente na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - UNILAB(CE). Pertencente ao Instituto de Humanidades, nos cursos de Pedagogia e Humanidades. Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação. (evaldo@unilab.edu.br)

profissional da educação nesses diversos espaços para além da escola, ou seja, no hospital, no museu, nos CRAS (Centro de Referência de Assistência Social), movimento negro, de mulheres, dos sem-terra dentre outros lugares. Desta forma, tomando como foco a ementa da componente focamos nossa pesquisa e atuação em um recorte na qual diz sobre “Planejamento, execução e avaliação da Intervenção Comunitária: experiências de organização nos países da integração”.

Antes de nos situarmos no campo cito Lemos, Martins e Oliveira (2013) que fala sobre o aumento das pesquisas na área da educação, principalmente com foco no pesquisador e/ou com colaboração dos sujeitos de pesquisas, na subjetividade, nos processos e na busca de práticas pedagógicas que ajudem na formação do educador. Dentro dessa pesquisa podemos perceber como as relações sociais e práticas sociais são essenciais para o entendimento das relações educativas e que só através dela podemos chegar na humanização necessária para a conscientização, pois é com esse processo que firmamos nossa existência na busca da condição humana.

É importante destacar que ao falarmos sobre educação, estamos nos referindo a processos educativos que acontecem durante toda a vida, através do qual os seres humanos podem ter a oportunidade de tomar consciência da realidade em que estão inseridos, tornando-se capazes de refletir de maneira crítica sobre seu papel histórico e social. (LEMOS, MARTINS e OLIVEIRA, 2013, p.5)

Como exemplo de atividades em espaços não escolares, trazemos Ghon (2010), que trata como o movimento social produz fortes aprendizagens, inovações e uma atuação político-social de forma coletiva e comunitária para com aqueles que estão imersos nesses espaços, produzindo outras metodologias de abordagem que educam e fortalecem os indivíduos que querem sobreviver para além das engrenagens sociais que tentam oprimir os sujeitos que ficam a margem da sociedade, ou seja, os negros, as mulheres, os sem-terra e a comunidade LGBTQI+.

Assim, segundo essa mesma autora, os movimentos sociais buscam soluções criativas e inovadoras de pensar seu local no mundo e como podem intervir. Desta forma, criam dentro do movimento uma identidade, que conscientizam a sociedade, possuindo opositores e articulações que são fundamentadas em projetos de vidas e sociedade, assim tentam garantir políticas públicas que atendam os interesses dos seus pares por meio de práticas de pressão e mobilização. Assim fazemos apud a reflexão de Ghon (2010) sobre Vygotsky: “segundo Vygotsky, a aprendizagem ocorre quando as informações fazem sentido para os indivíduos inseridos em dado contato social” (GHON, 2010, p.352).

A partir dessas colocações, podemos dizer que muitas práticas sociais buscam a superação de uma condição desumana, de uma realidade opressora, na qual apenas alguns se vêem como pessoa humana e os outros são vistos como “coisas”. E nesta superação é necessário que os oprimidos ultrapassem este estado de quase “coisas”, buscando reconstruir-se como humanos (FREIRE, 2006a). (LE MOS, MARTINS e OLIVEIRA, 2013, p.7)

Com isso, faço destaque que esse propósito se insere na educação não formal caracterizado no escrito de Gohn (1999, apud Silva e Perrudo, 2013, p.50): O primeiro envolve a aprendizagem política dos direitos enquanto cidadãos(...) O segundo, a capacidade dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidade (.) terceiro, a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos (...) O quarto, e não menos importante, é a aprendizagem dos conteúdos da escolarização formal, escolar, em formas e espaços diferenciados.

Desta forma, é dito que a educação não formal não tem um currículo formal como nas escolas, mas essas possuem uma forma de organização própria que precisa ser respeitada e estudada e sua atuação pode ser feita em diversos espaços e equipamentos sociais e institucionais.

DESENVOLVIMENTO

No escrito de Silva e Perrude (2013), vimos que o advento do neoliberalismo fez com que as relações de mercado fossem mediadoras da vida social e política, isso fez com que esse processo causasse uma grande formação de desigualdades sociais e de produção de pobreza.

Diante disso, equipamentos institucionais e sociais notou a educação como forte instrumento de transformação social das pessoas, sendo aposta de diversas áreas científicas, assim fez surgir diversos programas nos mais variados campos, dentre elas a assistência social que trouxe o pensamento da ação socioeducativa com foco em crianças e adolescentes que são marcadas pelas desigualdades anteriormente faladas. No texto é exposto que esse segmento tem como objetivo a construção da cidadania, diminuição desses impactos na vida desses jovens e tem atividades voltadas na criação de potencialidades não exploradas na escola, assim tem caráter de ir além do currículo escolar.

Para Brandão (2006) ao discutir educação, afirma tratar-se de um conceito polissêmico, que vai de acordo com tempos e espaços distintos, que se manifesta por modos de pensar e agir, uma vez que “ninguém escapa da educação [.] não há uma única forma nem

um único modelo de educação; a escola não é o único lugar em que ela acontece e talvez nem seja o melhor; o ensino escolar não é a única prática e o professor profissional não é seu único praticante” (BRANDÃO, 2006, p. 9, apud SILVA, PERRUDE, 2013, p.49)

Minha intervenção foi realizada juntamente com um colega da disciplina e com apoio da reaPODERE⁴ que faz um trabalho socioeducativo na comunidade desde outubro de 2017 com um grupo de crianças de diferentes idades, assim, como egresso da rede pensei em uma atividade que vinculasse a essa proposta a qual a rede está focada em suas ações. Assim tomo perspectiva Faermann e Bannúbia (2016) que adotam em seu escrito uma definição sobre o trabalho socioeducativo:

O trabalho socioeducativo, na perspectiva aqui adotada, é entendido como uma ferramenta político-pedagógica, de forma que, a partir dela, os sujeitos possam ampliar seus processos de consciência, refletir sobre sua condição e seu lugar na sociedade de classes. (FAERMANN, BANNÚBIA, 2016, p.159)

Como destacado anteriormente, as atividades desenvolvidas com os menores da comunidade têm como foco as atividades socioeducativas em perspectiva que descentraliza essa abordagem adultocêntrica de pensar a criança como não produtora de conhecimento. A rede está inserindo na comunidade desde 2016, com sua inserção comunitária, mas o grupo de crianças a qual estamos focando neste trabalho é a Frente das Crianças, que teve suas ações sendo realizadas desde outubro de 2017 em parceria conjunta com a III Ciranda da Criança Paulo Freire do projeto de extensão Afrodita.

Esse recorte da população focando nas crianças foi pensado com base na grande possibilidade e receptividade dessas crianças ao trabalho da rede. Então, iniciou-se as atividades com cunho voltado para as brincadeiras tradicionais, muitas delas até mesmo socializadas dentro da comunidade. Com o passar do tempo, visto o intuito da rede, a proposta ganhou uma nova forma, assim, seu trabalho passou a ganhar uma perspectiva que trabalha ações socioeducativas com foco no sentido de comunidade, no entendimento dessa infância e como é seu processo dentro dessa situação de pobreza e como podem resistir⁵ a ela.

⁴ reaPODERE - Rede de Estudos de Afrontamentos das Pobrezas, Discriminações e Resistência – é um grupo de ensino, pesquisa e extensão que está vinculada a Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira que realizou uma inserção comunitária na comunidade da Estrada Velha que fica localizada em uma comunidade pobre do município de Acarape – CE e hoje fazem intervenções com diferentes grupos dessa localidade.

⁵ Segundo Sawaia (2014) entendemos resistência como uma ação coletiva que tem como ponto principal a promoção de uma realidade social mais justa e com produtos de igualdade para a população. Moura Jr e Sarriera (2016) falam em uma perspectiva de mudança social a partir da tomada de consciência, ocasionando a transformação social.

O grupo é organizado semanalmente, sempre tentando abarcar o número máximo de crianças da comunidade, o que é recorrente nos planos de intervenção dentro da comunidade é a falta de recursos, fazendo com que o trabalho seja pensado utilizando meios que não necessitem de muito materiais. Outra questão que precisa ser visibilizada é a realização de eventos semestralmente com parcerias com outros grupos de extensão, professores promovendo engraxamento das crianças e outros membros da localidade.

Assim, as crianças são instigadas pelos/as extensionistas a refletirem sobre o aprendizado adquirido, com a finalidade de fazer com que elas extraiam o “porquê” e o “para quê” das atividades em exercício. Também buscamos trabalhar princípios de pertencimento e comunidade, valores sociais e culturais baseados no respeito que possibilitam a quebra de estigmas e preconceitos pela situação de pobreza a qual vivem. É nesse sentido que procuramos viabilizar as potencialidades dentro do grupo de crianças. (MOURA JUNIOR, LIMA, FERREIRA, 2018, p.439)

Assim como Ghon (2010) que percebeu aprendizagens ocorrendo dentro dos movimentos sociais por meio da conscientização do povo, percebemos que as atividades da reaPODERE também podem servir nesse sentido de fortalecimento social, político e econômico dessas crianças

Como seres histórico-sociais, são seres únicos, marcados por características definidas a partir das relações pessoais e interpessoais, das construções de identidade e de sentimento de pertença, seja ao grupo familiar, social, étnico-racial, de gênero, de faixa etária, de orientação sexual, entre outros. (Lemos; Martins; Oliveira, 2013, p.3)

Assim, Lemos, Martins e Oliveira (2013) destacam a importância de observamos essas práticas dada pela educação informal, e aqui acrescenta-se a não formal da reaPODERE, como maneiras emancipadoras de educar e trazer para dentro do indivíduo a humanização e conscientização na busca da transformação social dos sujeitos, portanto, entender esse processo nos ajuda ver outras metodologias de educação que ainda não foram enxergada na educação formal

METODOLOGIA

A atividade foi pensando com a leitura dos “Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens” e tem as seguintes orientações para realização das atividades: “as ações socioeducativas devem estar atentas para o contexto social, econômico e cultural da população que atendem, vislumbrando o convívio social e o exercício da cidadania como metas incontestes.” (SÃO PAULO, 2007, p.44).

Desta forma, discutimos como princípio das ações socioeducativas: “Convivência é a base do ser social: pertencer a grupos, reconhecer-se num contexto, construir referências de comportamento e valores, perceber e respeitar a diversidade são caminhos que só podem ser percorridos nas relações sociais.” (SÃO PAULO, 2007, p.44). Desta forma coloco abaixo o plano realizado para a atividade:

PLANO DE ATIVIDADE

Tema: Como eu vejo e como posso ressignificar meu lugar

Discentes: Francisco Gabriel e Pedro Bruno

Horário: 09h00 as 11h00

Objetivo: Entender como as crianças vêm a comunidade de onde elas moram para ressignificação.

Metodologia: Iremos nos apresentar e fazer uma acolhida com relaxamento para posteriormente falar com os/as participantes. Terminado esse momento pediremos para falarem um pouco de onde vieram, com quem moram, o que fazem no tempo livre e o que gostam de fazer na comunidade. Depois de escutar tudo falaremos da importância do nosso lugar e como devemos estar próximo a ele. Em seguida, pediremos para que se separem em grupo para darmos as cartolinas, juntamente com os lápis para eles e elas desenharem sua comunidade, mostrando o que fazem, o que gostam, o que não gostam e como ela ficaria melhor. Depois de terem terminado pediremos que expliquem o “porquê” de desenharem aquilo e finalizamos com uma roda de conversa sobre pertencer a um lugar.

Recursos: Cartolina. Pinceis. Lápis de cor e gráficos.

Antes de irmos para a comunidade nos encontramos na UNILAB, campus do Palmares, para tentarmos esquematizar como seria nossa ida a campo e nossa atuação com as crianças, conversamos e acertamos algumas coisas para a apresentação do plano. Quando finalizado, caminhamos até a localidade e nos deparamos com forte presença da pobreza na localidade, também nos foi informado que para construção da pista que dá acesso ao Campus da Auroras foi necessário derrubar várias casas e as residências que foram feitas para substituírem essas foram feitas de qualquer maneira prejudicando vários moradores.

Ao chegarmos na comunidade, conseguimos reunir em torno de 10 crianças para a realização da atividade, todas elas das mais variadas faixas etárias, assim nos instalamos na casa de uma das crianças (um recinto bem pequeno, sem muitos móveis, sem reboco, mas que sempre fica à disposição da rede), e lá realizamos as atividades de alongamento do corpo e apresentação de todos em forma dinâmica, onde cada um falava seu nome e fazia o

movimento e repetiam isso na roda, assim, todos nos conheciam e nós a eles e elas. Quando encerramos sentamos ao chão para saber um pouco sobre a vida um do outro, pedimos para que falassem o que fazem na comunidade. Disso relataram que vão pra piscina, que brincam de pipa, entre outras brincadeiras, que dançam e que “namoram”, quando falei sobre o que não gostavam na Estrada Velha uma das meninas falou que não queria que ninguém mais morresse pela comunidade e logo não quis mais comentar sobre esses episódios, isso nos impactou muito, mas tínhamos que dá continuidade a roda de conversa, depois perguntamos se gostavam da comunidade todxs confirmaram que sim.

Depois disso, fomos pegar as cartolinas para explicar a atividade, assim falamos que elas/es tinham que desenhar, escrever ou fazer qualquer coisa que queriam em relação a comunidade, colocando o que gostam, o que não gostam e o que queriam que melhorasse nela, assim elas/es automaticamente se separam em grupos com seus pares de idade. Desta forma, distribuimos na faixa de 5 a 6 cartolinas, com canetinhas, pincéis e outros materiais que a rede disponibilizou. Deixamos um bom tempo fazendo essa atividade e chegando na faixa de 10h40 a 10h50 iriam encerrar para explicação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando chegou próximo ao horário de encerramento da atividade muitas crianças já estavam saindo para almoçar, o que dificultou a apresentação dos cartazes e a proposta final que seria responder o que elas poderiam fazer para melhorar o local em que elas moravam, então tivemos que mudar o plano para só exposição do que desenharam. Assim pudemos visualizar nos cartazes que os desenhos que foram feitos faziam referência ao que tinham dito: as casas em moravam, as pipas, a piscina, o São João que foi realizado pela reapodere em conjunto com a comunidade, desenharam também a UNILAB em uma visita em que a rede proporcionou as crianças (Gabriel perguntou se elas queriam estudar lá e elas confirmar que sim), todas desenharam muitos corações e elas mesmas se desenharam na comunidade. Analisando essas imagens podemos ver que a reaPODERE anda impactando a vida dessas crianças, que elas conseguem se ver dentro da comunidade, que possui um afeto pelo o lugar onde moram e em suas atividades realizadas em conjunto.

CONCLUSÃO

Concluimos esse escrito trazendo a preocupação de Silva e Perrude (2013) no que diz respeito da formação de profissionais para atuar nesses espaços, principalmente de pedagogos/as visando os estudos da educação não formal em suas características políticas,

sociais, econômicas, pois com o desenvolvimento de políticas públicas e projetos de extensão que atuem em locais de desigualdades sociais, muita das vezes, acabam contratando profissionais leigos no assunto e prejudicam a finalidade das propostas desses projetos. Falamos disso dando destaque às ações socioeducativas da reaPODERE que antes de sua prática precisam passar por uma formação, até mesmo para aqueles quem vão realizar atividades diversas. Além disso, outros segmentos da sociedade como as empresas, a comunicação, os hospitais, museus estão vendo a importância da educação na construção de um trabalho com melhores resultados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- FAERMANN, Lindamar Alves; DANNÚBIA Aparecida Nascimento. **Reflexões sobre o trabalho socioeducativo no âmbito da política de assistência social**. Barbarói, Santa Cruz do Sul, n.48, p. 153-167, jul./dez. 2016.
- GONH, Maria da Glória. **Movimentos Sociais na contemporaneidade**. Revista Brasileira de Educação v. 16 n. 47 maio-ago. 2011.
- LEMOS, Fábio Ricardo Mizuno; OLIVEIRA, E. R., MARTINS; Rosa Maria Castilho **Subsídios para pesquisas em educação: sob a égide das Práticas Sociais e Processos Educativos** (ISSN1514-3465). Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires). , v.18, p.efd187. 2013.
- MOURA Jr, J. F M; SARRIERA, J. C. **Práticas de resistência à estigmatização da pobreza: caminhos possíveis**. In: XIMENES, V. M. et al (org). Implicações Psicossociais da Pobreza: diversidade e resistências. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016. P. 263 – 288.
- SÃO PAULO. **Parâmetros socioeducativos: proteção social para crianças, adolescentes e jovens: Igualdade comodireito, diferença como riqueza**. Caderno 2 : Conceitos e políticas. / CENPEC – São Paulo :SMADS ; CENPEC ; Fundação Itaú Social, 2007.
- SILVA, Ana Lucia Ferreira da Silv; PERRUDE, Marleide Rodrigues. **Atuação do Pedagogo em Espaços não formais: algumas reflexões**